

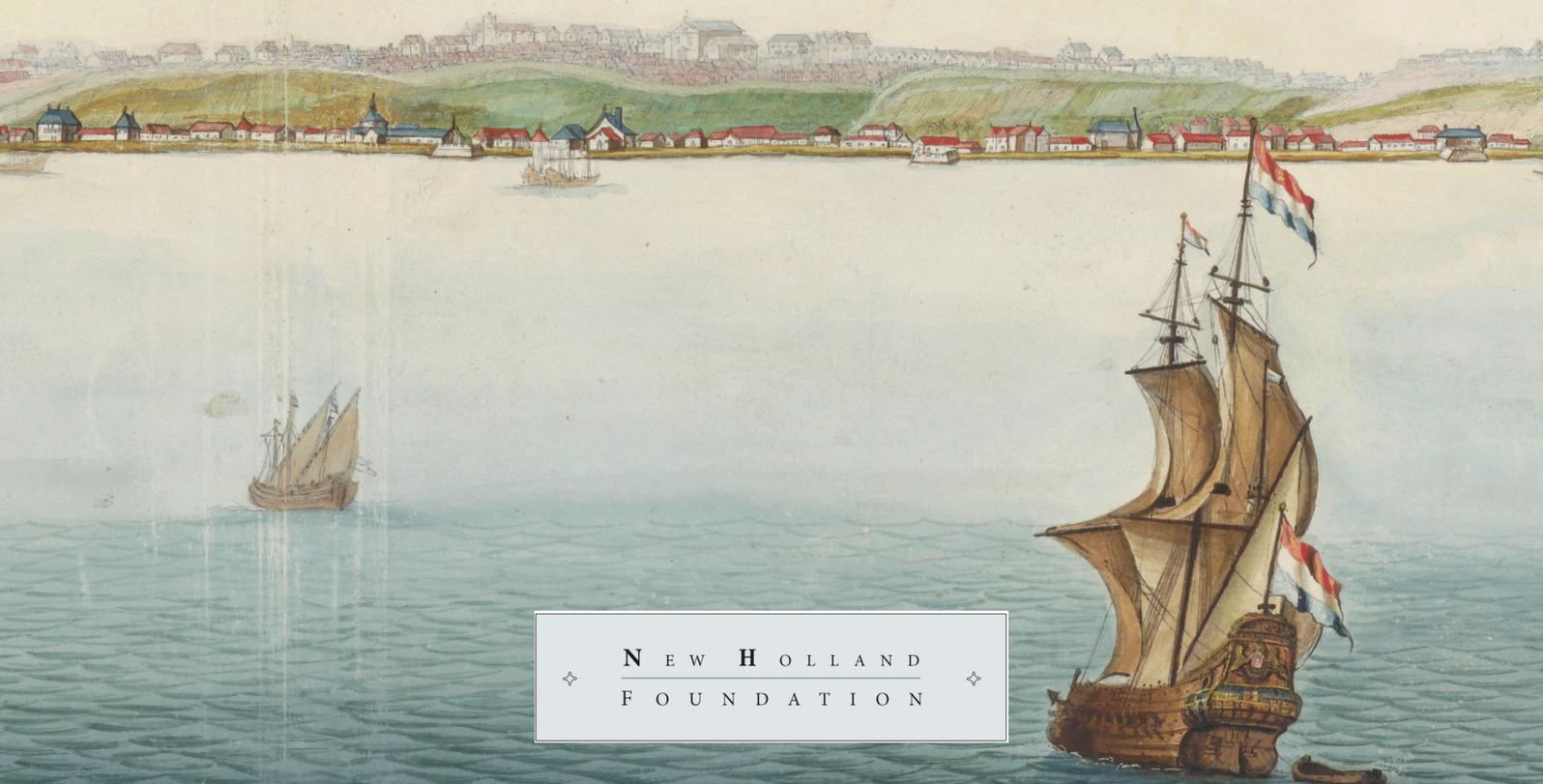
**'Dutch' Colonial Fortifications
in West Central Africa ca. 1600 - ca. 1684**

**Fortificações Coloniais 'neerlandesas' na
África Central Ocidental c. 1600 - c. 1684**

Preliminary Survey
Inquérito Preliminar

Contributions to the Atlas of Dutch Presence in Angola
Contribuições para o Atlas da Presença Neerlandesa em Angola

Jaap Jacobs



◆ NEW HOLLAND ◆
FOUNDATION

**‘Dutch’ Colonial Fortifications
in West Central Africa ca. 1600 - ca. 1684**

**Fortificações Coloniais ‘neerlandesas’ na
África Central Ocidental c. 1600 - c. 1684**

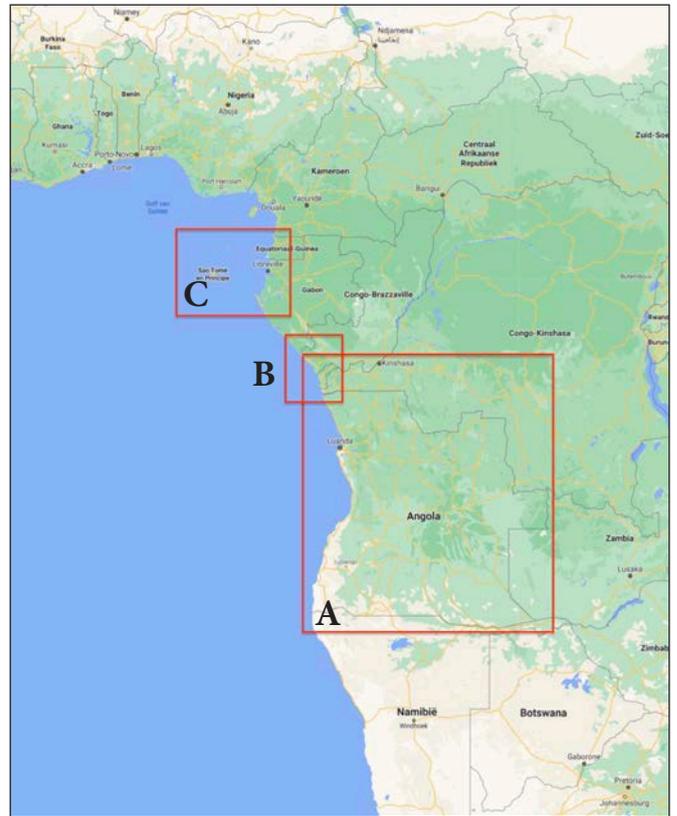
Preliminary Survey
Inquérito Preliminar

Contributions to the Atlas of Dutch Presence in Angola
Contribuições para o Atlas da Presença Neerlandesa em Angola

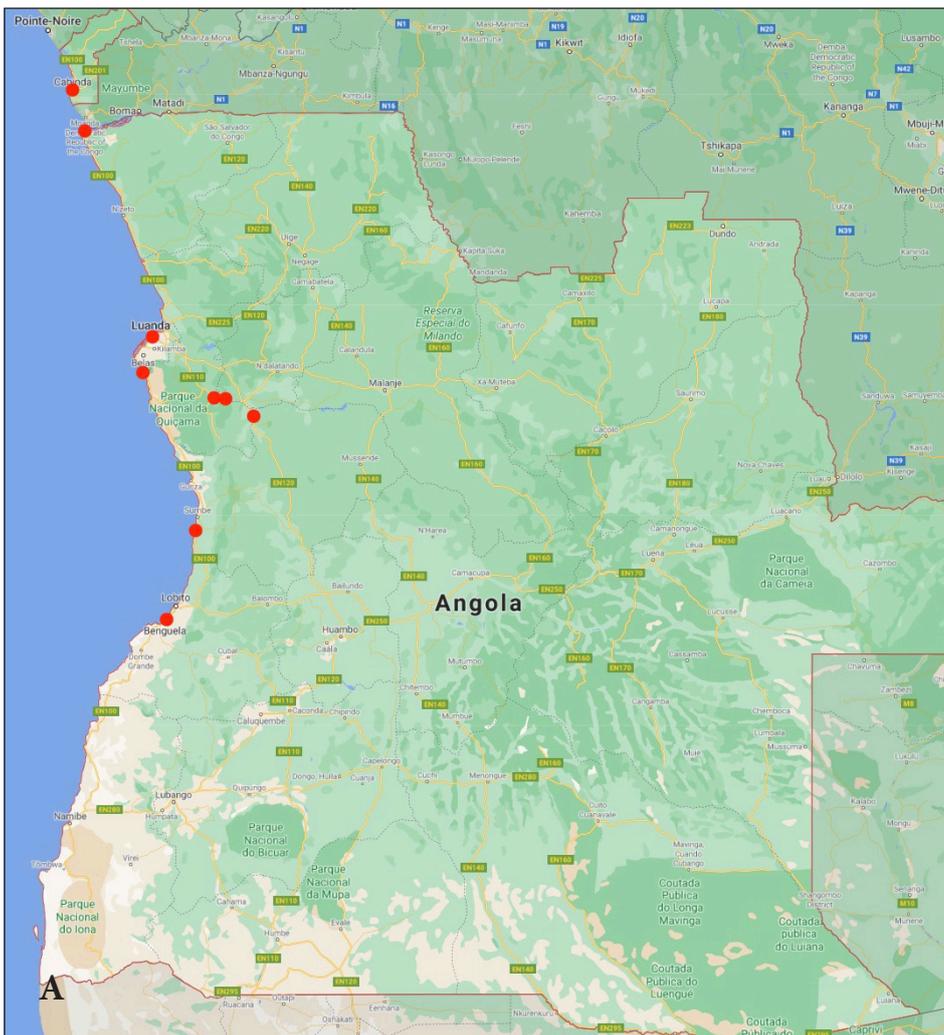
Jaap Jacobs



Africa. Google Maps.
 Africa. Google Maps.

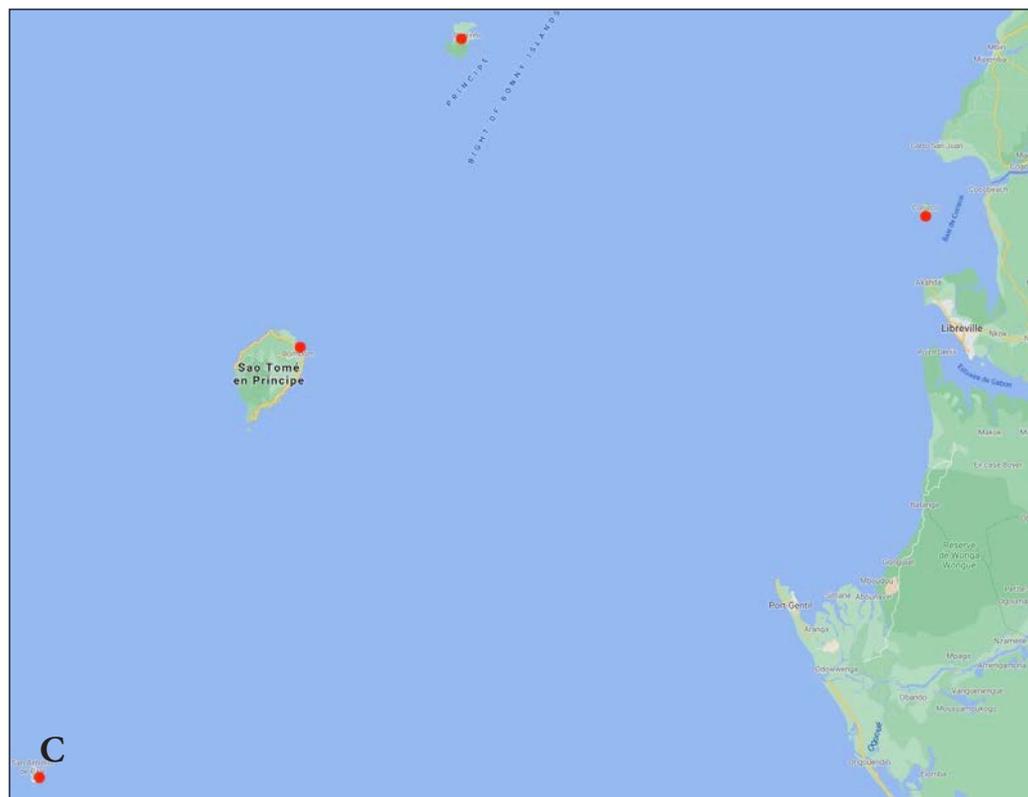
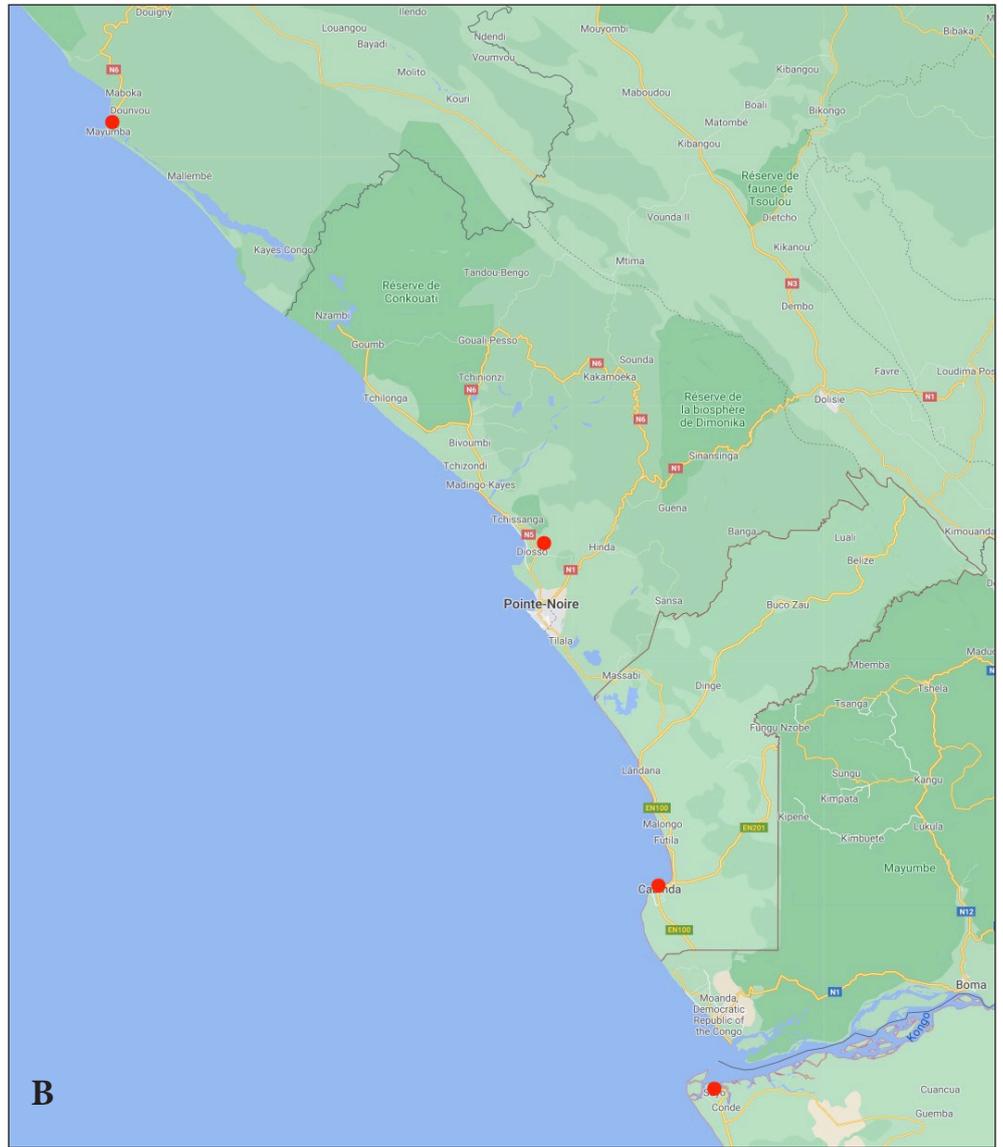


West Central Africa. Google Maps.
 West Central Africa. Google Maps.



Angola. Google Maps.
 Angola. Google Maps.

Soyo/Mpinda, Cabinda, Malembo,
Mayumba. Mapas Google.
Soyo/Mpinda, Cabinda, Malembo,
Mayumba. Google Maps.



São Tomé, Príncipe, Annobón,
Corisco. Google Maps.
São Tomé, Príncipe, Annobón,
Corisco. Google Maps.

Table of contents

Preface
Introduction
Historical context
I. Angola
A. Luanda
1. Fortaleza São Paulo de Luanda
2. Fortaleza São Pedro da Barra / Fort S. Cruz
3. Forte de São Francisco do Penedo
4. Fort São Fernando
B. Area around Luanda
1. Kilunda Lake
2. Gango
3. Cambambe
4. Fortaleza de Massangano
5. Fortaleza da Muxima
6. Fort Mols
C. Other areas of Angola
1. Benguela
2. Fortim do Quicombo
3. Soyo / Mpinda
4. Cabinda / Malembo
II. São Tomé & Príncipe
Príncipe
São Tomé
III. Congo
Loango, Diosso
IV. Gabon
Mayumba
V. Equatorial Guinea
Corisco
Annobón
Bibliography
Further research
Colofon

Índice

Prefácio	7
Introdução	8
Contexto histórico	10
I. Angola	13
A. Luanda	13
1. Fortaleza de São Paulo de Luanda	14
2. Fortaleza de São de Pedro da Barra / Forte S. Cruz	15
3. Forte de São Francisco do Penedo	16
4. Forte de São Fernando	16
B. Área nos arredores de Luanda	18
1. Lago de Kilunda	18
2. Gango	18
3. Cambambe	19
4. Fortaleza de Massangano	20
5. Fortaleza da Muxima	20
6. Forte Mols	21
C. Outras áreas de Angola	22
1. Benguela	22
2. Fortim do Quicombo	23
3. Soyo / Mpinda	23
4. Cabinda / Malembo	24
II. São Tomé & Príncipe	25
Príncipe	25
São Tomé	26
III. Congo	27
Loango, Diosso	27
IV. Gabão	28
Mayumba	28
V. Guine Equatorial	29
Corisco	29
Annobón	30
Biografia	31
Pesquisa adicional	32
Cólofon	33



Preface

Travelling in Angola, one is confronted with the past in many places. History suddenly shows itself in old buildings or in the ruins or remnants of fortifications. Sometimes one feels that the past is still present, either in the middle of nowhere or in the center of villages or cities. And whether you stand on top of the Fortaleza de São Miguel in Luanda enjoying the skyline of the bustling big city, or whether you climb—accompanied only by a few goats—the walls of the old fortress at Massangano and look down on the quietly flowing Kwanza River, the views bring to mind scenes that took place here centuries ago. Going back in time and visualizing the small wooden ships sailing into the port or going upstream brings mixed emotions, evoking visions of adventure and fortune, but also of tragedy and death. At these sites bloody battles were fought and local people were brutally enslaved. History is not a feel-good movie in which we can indulge. Yet it is important that we are aware of what happened and that we understand the historical circumstances and conditions of the events that took place.

It is for this reason that I am very glad to present the Atlas of Dutch Presence in Angola, of which this is the first report. It will enable us to better understand the Dutch-Angolan cultural heritage. By researching and promoting this common heritage, the Atlas of Dutch Presence in Angola will further strengthen the cultural, diplomatic and economic relations between our two countries and expand the scholarly and cultural networks to foster deeper collaboration. The project will research the shared history of almost four hundred years of Angolan-Dutch relations and will stimulate the dialogue between the two countries. In doing so, the project is a valuable long-term investment for future cultural and economic relations.

The preliminary survey that is presented here provides a rich and inspiring source for further studies in this fascinating history. I am very much looking forward to the future results of this research project.

Anne van Leeuwen
Ambassador of the Kingdom of the Netherlands in Angola

Préfacio

Viajando em Angola, deparamo-nos com o passado em muitos lugares. A História mostra-se subitamente em edifícios antigos, em ruínas ou vestígios de fortificações. Por vezes sente-se que o passado ainda está presente, quer que seja no meio do nada ou no centro de aldeias ou cidades. E quer que se encontre no topo da Fortaleza de São Miguel, a apreciar a linha do horizonte da agitada grande cidade, ou se suba – acompanhado apenas por algumas cabras – as muralhas da velha fortaleza de Massangano e que se olhe para baixo onde o rio Kwanza corre tranquilamente, os panoramas trazem à memória cenas que tiveram aqui lugar há séculos atrás. Voltar atrás no tempo e visualizar os pequenos navios de madeira a navegar para o porto ou a subir o rio, traz emoções mistas, evocando visões de aventura e fortuna, mas também de tragédia e morte. Nestes locais foram travadas batalhas sangrentas e a população local foi brutalmente escravizada. A História não é um bom filme de sentimentos, no qual nos possamos entregar. No entanto é importante que estejamos conscientes do que aconteceu e que compreendamos as circunstâncias e condições históricas dos acontecimentos que tiveram lugar.

É por esta razão que tenho o maior prazer em apresentar o Atlas da Presença Neerlandesa em Angola, do qual este é o primeiro relatório. Ele permitir-nos-á compreender melhor o património cultural neerlandês- angolano. Ao investigar e promover este património comum, o Atlas da Presença Neerlandesa em Angola irá reforçar ainda mais as relações culturais, diplomáticas e económicas entre os nossos países e expandir as redes académicas e culturais para fomentar uma colaboração mais profunda. O projecto irá investigar a História partilhada de quase quatrocentos anos de relações angolana-neerlandesa e estimulará o diálogo entre os dois países. Ao fazê-lo, o projecto constitui um valioso investimento a longo prazo para futuras relações culturais e económicas.

O inquérito preliminar aqui apresentado constitui uma fonte rica e inspiradora para estudos adicionais nesta fascinante história. Aguardo com grande expectativa os resultados futuros deste projecto de investigação.

Anne van Leeuwen
Embaixador do Reino dos Países Baixos em Angola

Introduction

This report comprises a preliminary survey of significant colonial fortifications during the decades of Dutch colonial involvement with West Central Africa (see map on page 3). Scattered along the coast and on islands, these fortifications were located in the present countries of Angola, Congo, Gabon, São Tomé and Príncipe, and Equatorial Guinea. During the zenith of Dutch colonial involvement (1641-1648) the Dutch West India Company (WIC) employed the designation “Southern District” (Zuiderkwartier) for this area, as opposed to the “Northern Quarter” (Noorderkwartier), which extended from Senegambia to the Bight of Biafra and was governed from Elmina. The Southern District was governed from the WIC headquarters at Luanda.

The timeframe covered runs from the late sixteenth century, when Dutch forces made their first attempts at conquest, to the last decades of the seventeenth century. The Dutch still maintained a small number of trading posts in the Southern District, but had halted their efforts to supplant the Portuguese as the main colonizer. It is unlikely that these trading posts had a military function or were fortified by the 1680s, although this remains to be ascertained. Subsequently, trading activities were primarily carried out from visiting ships. This trade falls outside the scope of this preliminary survey, which is restricted to fortifications attacked, conquered, used, (re-)constructed, planned or otherwise of importance during Dutch colonial activities. As the Dutch appear to have built only a few fortifications, the word has been apostrophized in the report's title. The majority of European fortifications in this area are clearly of Portuguese, not Dutch, origin. In this report, the term ‘fortification’, refers to all forms of defensive structures: forts, blockhouses, stockades,

Introdução

Este relatório abrange o levantamento preliminar de fortificações coloniais significativas durante as décadas do envolvimento colonial neerlandês com a África Central Ocidental (ver mapa na página 3). Espalhadas ao longo da costa e em ilhas, estas fortificações estavam localizadas nos países actuais de Angola, Congo, Gabão São Tomé e Príncipe e Guiné Equatorial. Durante o apogeu do envolvimento colonial neerlandês (1641-1648), a Companhia Neerlandesa das Índias Ocidentais (WIC) utilizou a designação “Distrito Sul” (Zuiderkwartier) para esta área, em oposição ao “Distrito Norte” (Noorderkwartier) que se estendeu de Senegâmbia até ao Golfo de Biafra e foi governada a partir de Elmina. O “Distrito Sul” era governado a partir da sede do WIC em Luanda.

O período abrangido vai desde os finais do século XVI, quando as forças neerlandesas fizeram as suas primeiras tentativas de conquista, até às últimas décadas do século XVII. Os Neerlandeses ainda mantinham um pequeno número de postos de comércio no Distrito Sul, mas tinham suspenso os seus esforços para suplantarem os Portugueses como o principal colonizador. É improvável que estes postos de comércio tivessem uma função militar ou fossem fortificados na década de 1680, embora isto ainda tenha que ser averiguado. Posteriormente, as actividades comerciais foram realizadas principalmente a partir de navios visitantes. Este comércio está fora do âmbito deste levantamento preliminar, que se restringe às fortificações atacadas, conquistadas, utilizadas, (re) construídas, planeadas ou não, de importância durante as actividades coloniais neerlandesas. Como os Neerlandeses parecem ter construído apenas algumas fortificações, a palavra foi apostrofada no título do relatório. A maioria das fortificações europeias nesta área são claramente de origem portuguesa e não neerlandesa. Neste relatório, o termo “fortificação” refere-se a todas as formas de estruturas defensivas: fortalezas, fortins, paliçadas,

gates, points, sconces, half-moons, ditches, moats, and so forth. It includes both primary fortifications, such as forts and blockhouses, as well secondary fortifications, for instance sconces and half-moons. Terminology is important here too: the exact Dutch words used in the seventeenth-century sources often refer to specific types of fortifications, based upon the Dutch experience in European theatres of war.

The list presented in this report will undoubtedly undergo many additions and deletions in subsequent phases. The research underpinning this report is limited to easily accessible sources, such as visual materials (maps, drawings, and paintings), published primary sources, the secondary literature, and information available on the internet. Details can be found in the bibliography.

This report is the first phase of a larger research programme, comprising further archival and archaeological research. The second phase will encompass scholarly literature and archival research in Angolan, Portuguese and Dutch depositories. A survey of options for the second phase is included in this report. The third phase will cover archaeological surveys on location. The amalgamated findings of the three phases will be made available in a final report, of which the summarized results will be incorporated in the website Atlas of Mutual Heritage (www.atlasofmutualheritage.nl). Other output aimed at raising public awareness of the common Angolan-Dutch common heritage and exchanging knowledge will consist of scholarly and popular publications, exhibitions, an international conference, and specialized webinars. While COVID-19 restrictions may slow down the outroll of these activities, it will not prevent them in the long run.

portões, baluartes, arandelas, meias luas, valas, fossos, e por aí adiante. Inclui ambas fortificações, quer sejam fortificações primárias, tais como fortalezas, fortins e paliçadas, quer sejam fortificações secundárias, como por exemplo arandelas e meias luas. A terminologia também é importante aqui: as palavras exactas em neerlandês utilizadas nas fontes do século XVII referem-se frequentemente a tipos específicos de fortificação, com base na experiência neerlandesa nos teatros europeus de guerra.

A lista apresentada neste relatório irá, sem dúvida, sofrer muitos acréscimos e supressões nas fases subsequentes. A pesquisa subjacente a este relatório limita-se a fontes facilmente acessíveis, tais como materiais visuais (mapas, desenhos e pinturas), fontes primárias publicadas, literatura secundária, e informação disponível na Internet. Detalhes, podem ser encontrados na bibliografia.

Este relatório é a primeira fase de um programa de investigação mais vasto, compreendendo mais pesquisa de arquivo e de arqueologia. A segunda fase englobará literatura académica e investigação de arquivo nos depósitos de Angola, Portugal e Países Baixos. O presente relatório inclui um levantamento de opções para a segunda fase. A terceira fase abrangerá levantamentos arqueológicos sobre a localização. Os resultados reunidos das três fases serão disponibilizados num relatório final do qual os resultados resumidos serão incorporados no website Atlas do Património Mútuo (www.atlasofmutualheritage.nl). Outros resultados destinados a sensibilizar o público sobre o Património Mútuo Angola e Países-Baixos e a troca de conhecimentos consistirão em publicações académicas e populares, exposições, uma conferência internacional, e webinars especializados. Embora as restrições da COVID-19 possam abrandar o passo destas actividades, a longo prazo não as impedirá.

Historical context

The relations between West Central Africa and the Dutch developed in the wake of Portuguese involvement with the area. Since the late fifteenth century, Portuguese ships had frequented the African coasts from the Bight of Biafra southwards, setting up a trading post at Soyo and settling Luanda and Benguela in the decades around 1600. Through the connections between Lisbon and Amsterdam, the first documented African from this area, Bastiaen Pietersz of ‘Maniconge in Afryken’, arrived in the Dutch Republic in the 1590s, and many others followed in subsequent decades. While Bastiaen Pietersz was a free man, many of the Angolans who arrived in Dutch colonies in the Atlantic World were enslaved. This was the case not just in Brazil and other South American or Caribbean footholds, but also in New Amsterdam (later New York), where the first enslaved Africans from West Central Africa arrived in the late 1620s.

Direct Dutch involvement with West Central Africa was the consequence of the Dutch Revolt. In early attempts to take the war against Spain and Portugal (which from 1580 to 1640 formed the Iberian Union) beyond Europe, Balthazar de Moucheron, a merchant originally from Antwerp, initiated three expeditions to the Bight of Biafra from 1598 to 1600. These resulted in the conquest of São Tomé and Príncipe as well as Corisco. However, the Dutch failed to hold on to these possessions. Further attempts to make inroads into Portuguese colonies took place after the foundation of the Dutch West India Company in 1621. As part of a large-scale strategic plan, called the ‘Grand Design’, which also involved an attack on São Salvador da Bahia in Brazil, the WIC in 1624 despatched two fleets, led by Filips van Zuijlen and Piet Hein, respectively. As the fleets failed to combine, the first attempt to conquer Luanda failed. Piet Hein’s capture of a Spanish treasure fleet in 1628 allowed the WIC to have another go at implementing the ‘Grand Design’. This time it met with more success. A portion of north-eastern Brazil came under Dutch control. In order to acquire slave labor for the sugar plantations, the Portuguese stronghold of Elmina was taken in 1637.

A few years later, another attempt was made to conquer Luanda and take over the trade in enslaved Africans in this area. This time with success, as it resulted in seven years of Dutch occupation of extensive coastal parts of West Central Africa. For the Dutch Atlantic empire these seven years constituted its

Contexto histórico

As relações entre a África Central Ocidental e os Neerlandeses desenvolveram-se na sequência do envolvimento português com a região. Desde os finais do século XV, os navios portugueses tinham frequentado as costas africanas a partir do Golfo de Biafra em direcção ao sul, criando um posto de comércio no Soyo e instalando-se em Luanda e Benguela nas décadas de 1600. Através das ligações entre Lisboa e Amesterdão, o primeiro Africano documentado nesta área, Bastiaen Pietersz de “Maniconge in Afryken”, chegou à República Neerlandesa na década de 1590, e muitos outros se seguiram nas décadas seguintes. Enquanto Bastiaen Pietersz era um homem livre, muitos dos angolanos que chegaram às colónias neerlandesas do “Mundo Atlântico” foram escravizados. Este foi o caso, não só no Brasil, como noutros pontos de apoio sul-americanos ou caribenhos, mas também em Nova Amesterdão (mais tarde Nova Yorque), onde os primeiros africanos escravizados chegaram na década de 1620.

O envolvimento directo dos Neerlandeses na África Central Ocidental foi a consequência da Revolta Neerlandesa. Nas primeiras tentativas de levar a guerra contra a Espanha e Portugal (que de 1580 a 1640 era a União Ibérica) para além da Europa, Balthazar de Moucheron, um comerciante originário de Antuérpia, iniciou três expedições ao Golfo de Biafra entre 1598 e 1600. Estas tiveram como resultado a conquista de São Tomé e Príncipe, bem como a de Corisco. No entanto, os Neerlandeses não conseguiram manter estas possessões. Outras tentativas de fazer incursões nas colónias portuguesas tiveram lugar após a fundação da Companhia Neerlandesa das Índias Ocidentais em 1621. Como parte do “Grande Projecto”, plano estratégico de grande envergadura, que também envolveu um ataque a São Salvador da Baía no Brasil, o WIC em 1624 enviou duas frotas, lideradas respectivamente por Filips van Zuijlen e Piet Hein. Como as frotas não conseguiram apoiar-se, a primeira tentativa de conquista de Luanda falhou. A captura por Piet Hein de uma frota espanhola com tesouros em 1628, permitiu que o WIC tivesse outra oportunidade de implementar o “Grande Projecto”. Desta vez, o WIC teve mais sucesso. Uma parte do nordeste do Brasil ficou sob o controlo neerlandês. A fim de adquirir mão-de-obra escrava para as plantações de açúcar, o bastião português de Elmina foi tomado em 1637.

Alguns anos mais tarde, foi feita outra tentativa para conquistar Luanda e assumir o comércio de

brief zenith. An expedition commanded by Admiral Cornelis Cornelisz Jol sailed from Recife in May 1641 with 21 ships, 851 sailors and 2106 soldiers. The Portuguese garrison in Luanda was estimated at 2500, plus auxiliaries, in addition to a potential twenty-odd armed vessels in the roadstead, although these estimates turned out to be exaggerated. Jol's instructions included a suggestion to use the bay north of Cap S. Bras, near the current town of Sangano, to prepare the fleet for the attack. The plan was to land troops at a few hours distance from Luanda and attack the city from the landside, thus keeping out of range of the fortifications on the seaside. Aware of the limited information available, Jol's superiors had granted Admiral Jol considerable flexibility to adapt the plans. Upon his arrival at Luanda, Jol, taking into account the general condition of his troops, decided to land close to the city to avoid having to march for several hours. Approaching Luanda from the south, an attempt was made to reconnoiter a potential landing site at the Barra da Corimba southwest of the city, only to be met with cannon fire from the small Forte São Fernando.

This setback meant that a different plan of attack was required. Upon receiving accurate information from the captain of a captured Spanish caravel, Jol sailed on to enter the Baía de Luanda from the north. Yet instead of engaging the main fortifications, including the strong Fortaleza de São Miguel, the Dutch landed their troops south of the rock of Caçandama, about four kilometres from the city. This angle of attack came as a surprise to the Portuguese. The well-chosen landing site at the modern-day Sambizanga area was out of reach of the Portuguese guns on the rock of Caçandama to the north and of those of another fort to the south. From the landing site a small path provided access to the hills above Luanda and thus to the city. An improvised Portuguese counter-attack was repulsed and before nightfall the entire Dutch force had safely landed. The next day the Dutch entered the city unopposed. The Portuguese, expecting the Dutch aim to be plunder and destruction instead of lasting occupation, had fled into the hinterland.

During subsequent operations, Dutch forces sailed to São Tomé. Admiral Jol landed in a bay south of the Baía Ana Chaves, where the strong Forte de São Sebastião was located. A redoubt with six guns was captured on the march north. After

escravos africanos nesta área. Desta vez com sucesso, pois resultou em sete anos de ocupação neerlandesa de extensas zonas costeiras da África Central Ocidental. Para o Império Atlântico Neerlandês estes sete anos constituíram o seu apogeu. Uma expedição comandada pelo Almirante Cornelis Cornelisz Jol partiu de Recife em Maio de 1641 com 21 navios, 851 marinheiros e 2106 soldados. A guarnição portuguesa em Luanda foi estimada em 2500 homens mais auxiliares, para além de uma potencial vintena de embarcações armadas em rotunda, embora estas estimativas se tenham revelado exageradas. As instruções de Jol incluíam uma sugestão para utilizar a baía a norte do Cabo S. Brás, perto da actual cidade de Sangano, para preparar a frota para o ataque. O plano era de posicionar tropas a poucas horas de distância de Luanda e atacar a cidade por terra, mantendo-se assim fora do alcance das fortificações à beira-mar. Cientes da informação limitada disponível, os superiores de Jol tinham concedido ao Almirante uma flexibilidade considerável para adaptar os planos. À sua chegada a Luanda, Jol, tendo em conta o estado geral das suas tropas, decidiu estacionar perto da cidade para evitar marchar durante várias horas. Aproximando-se de Luanda a partir do Sul, foi feita uma tentativa de reconhecimento de um potencial local de desembarque na Barra da Corimba a sudoeste da cidade, tendo sido recebido com fogo de canhão do pequeno forte de São Fernando.

Este revés significava que era necessário um plano de ataque diferente. Ao receber informações precisas do capitão de uma caravela espanhola capturada, Jol navegou a partir do Norte para entrar na Baía de Luanda. No entanto, em vez de atacar as principais fortificações, incluindo a Fortaleza de São Miguel, os Neerlandeses desembarcaram as suas tropas a sul do rochedo de Caçandama, a cerca de quatro quilómetros da cidade. Esta estratégia foi uma surpresa para os Portugueses. O local de desembarque escolhido na área da Sambizanga de hoje estava fora do alcance das armas dos portugueses no rochedo de Caçandama a norte e das do outro forte a sul. A partir do local de desembarque um pequeno caminho dava acesso às colinas acima de Luanda e, por conseguinte, à cidade. Um contra-ataque improvisado português mal sucedido permitiu que, antes do anoitecer, toda a força neerlandesa tenha desembarcado em segurança. No dia seguinte, os Neerlandeses entraram na cidade sem oposição. Os Portugueses, pensando que o

the fleet had bombarded the Forte de São Sebastião Jol's troops attempted an assault, which was repulsed with many Dutch casualties as a result. Jol thereupon changed tactics and resorted to building batteries and commenced sustained bombardments. After having taken the supporting Forte São João by storm, the Dutch forces bombarded Forte de São Sebastião for two weeks, forcing it to surrender. Príncipe and Annóbon fell into Dutch hands as well.

São Tomé was retaken by the Portuguese in November 1642, but the Dutch occupation of Luanda and its environs lasted much longer. In military operations between 1641 and 1648, Dutch forces attacked the Portuguese at several locations, constructing and demolishing fortifications along the way. Yet the Dutch position was weakened by a lack of supplies and losses through illness. In August 1648, a Portuguese force of about 900, led by Salvador Correia de Sá, attacked Fortaleza de São Paulo de Luanda. Although the first assault was repulsed, the Dutch force surrendered quickly and departed for Europe soon afterwards. When other Dutch-held forts followed suit, the Angolan coast was under Portuguese control once more. Although the Dutch retained a few trading posts, they abandoned these in the 1680s. Trade relations continued, but these most likely did not involve the construction of fortifications by the Dutch.

objectivo dos Neerlandeses era pilhar e destruir em vez de uma ocupação duradoura, tinham fugido para o interior.

Durante as operações subsequentes, as forças neerlandesas navegaram para São Tomé e Príncipe. O Almirante Jol desembarcou numa baía a sul da Baía Ana Chaves, onde se encontrava o Forte de São Sebastião. Um reduto com seis canhões foi capturado em marcha para o norte. Depois da frota ter bombardeado o Forte de São Sebastião, as tropas de Jol tentaram um assalto que foi repellido pelos portugueses com muitas baixas neerlandesas como resultado. Jol mudou de tática e posicionou baterias bombardeando continuamente. Depois de terem tomado o Forte de São João de rompante, as forças neerlandesas bombardearam o Forte de São Sebastião durante duas semanas, obrigando-os a renderem-se. Príncipe e Annóbon caíram também nas mãos dos Neerlandeses.

São Tomé e Príncipe foi retomado pelos portugueses em Novembro de 1642, mas a ocupação neerlandesa de Luanda e dos seus arredores durou muito mais tempo. Em operações militares entre 1641 e 1648, as forças neerlandesas atacaram os portugueses em vários locais, construindo e demolindo fortificações ao longo do caminho. Entretanto, a posição neerlandesa foi enfraquecida pela falta de provisões e perdas por doença. Em Agosto de 1648, uma força portuguesa de cerca de 900 homens, liderada por Salvador Correia de Sá, atacou a fortaleza de São Paulo de Luanda. Embora o primeiro assalto tenha sido repellido, a força neerlandesa rendeu-se rapidamente e partiu para a Europa pouco depois. Quando outros fortes neerlandeses seguiram o exemplo, a costa angolana voltou a estar sob o controlo português. Embora os Neerlandeses mantivessem alguns postos de comércio, abandonaram-nos na década de 1680. As relações comerciais continuaram, mas estas, muito provavelmente, não envolveram a construção de fortificações por parte dos Neerlandeses.

I. Angola

A. Luanda

The city of Luanda was the most important Portuguese stronghold in Angola and served as its governmental and military centre. Founded in 1576, it quickly became the centre of the Portuguese slave trade to Brazil. By the 1640s, the defences of the city were considerable and included several forts and coastal batteries, not all of which can easily be identified. Some shore batteries are indicated as “Suggestus Militarii” on the engraved version of the map that is included in Barlaeus’ book on Johan Maurits. Only the four main fortifications of Luanda are included here as separate entries.

A. Luanda

A cidade de Luanda era o reduto português em Angola mais importante e serviu como centro governamental e militar. Fundada em 1576, tornou-se rapidamente o centro do comércio de escravos portugueses para o Brasil. Nos anos 1640, as defesas da cidade eram consideráveis e incluíam várias fortalezas e baterias costeiras, nem todas elas podem ser facilmente identificadas. Algumas baterias costeiras são indicadas como “Suggestus Militarii” na versão do mapa que está incluído no livro de Barlaeus’ sobre Johan Maurits. Apenas as quatro fortificações principais de Luanda estão aqui incluídas como entradas separadas.



The town of Luanda. Anonymous, 1647. Caspar Barlaeus, Rerum per octennium in Brasilia... (Amsterdam, 1647).

A cidade de Luanda. Anónimo, 1647. Caspar Barlaeus, Rerum per octennium in Brasilia... (Amesterdão, 1647).

1. Fortaleza São Paulo de Luanda

Upon the founding of the settlement, the Portuguese started construction of a fort on a rocky outcrop overlooking the roadsteads. The Fortaleza São Paulo de Luanda became the administrative centre of the colony in 1627. This may have provided the impetus for a Portuguese rebuild in 1634. Dutch maps indicate the fort as 't nieu Casteel', which suggests a brand-new Portuguese fort, possibly modified by the Dutch. It appears to have been a regular four-pointed fort, with an exit to a water gate, named in Latin "Arx Nova S. Sibyllæ". The name 'Aardenburgh' could indicate that earthen defence works were added, providing more protection against cannon fire than the stone walls of Portuguese forts. Further research should provide clarity on this point.

Upon its recapture in 1648 by Salvador de Sá, the Portuguese renamed the fort Fortaleza de São Miguel, which is the name it still bears today. The current structure, which serves as the Museu das Forças Armadas, is the result of later additions. It needs to be ascertained if seventeenth-century remnants have been incorporated.

1. Fortaleza de São Paulo de Luanda

Aquando da fundação da colónia, os Portugueses iniciaram a construção de um forte num afloramento rochoso com vista para os ancoradouros. A Fortaleza de São Paulo de Luanda tornou-se o centro administrativo da colónia em 1627. Isto pode ter dado o impulso para uma reconstrução portuguesa em 1634. Os mapas neerlandeses indicam o forte como "t nieu Casteel", o que sugere um forte português muito recente, possivelmente modificado pelos Neerlandeses. Parece ter sido um forte regular de quatro pontas, com um portão com saída para a água, denominado em latim "Arx Nova S. Sibyllæ". O nome "Aardenburgh" poderia indicar que foram acrescentadas obras de defesa em barro proporcionando mais protecção contra o fogo de canhão do que as paredes em pedra dos fortes portugueses. Mais investigação deverá proporcionar clareza sobre este ponto.

Após a sua reconquista em 1648 por Salvador Sá, os Portugueses rebaptizaram-na como Fortaleza de São Miguel, que é o nome que ainda hoje ostenta. A estrutura actual, que serve de Museu das Forças Armadas, é o resultado de posteriores acréscimos. É necessário verificar se os vestígios do século XVII foram incorporados.



't nieu Casteel, Fortaleza São Paulo de Luanda, Fortaleza de São Miguel. The town of Luanda. Workshop of Johannes Vingboons, 1645-1650. Nationaal Archief 4.VELH 619.63.

't nieu Casteel, Fortaleza São Paulo de Luanda, Fortaleza de São Miguel. A cidade de Luanda. Atelier de Johannes Vingboons, 1645-1650. Arquivo Nacional 4. VELH 619.63.

2. Fortaleza São Pedro da Barra de Luanda / Fort S. Cruz

The battery on the rock of Caçandama fort was intended to repulse attacks on the right flank of the city's defences. The Dutch landing took place just south of this location. However, on Dutch views of Luanda made in the 1640s the name is different ("Fort S. Cruz" or "Arx. S. Crucis"). The detail of the Vingboons watercolor below shows three batteries along the stretch of the coast where the landing took place, of which the leftmost one could be Fort S. Cruz.

The name Fortaleza São Pedro da Barra is from a later date, either from 1663 or 1703, when the fortifications were extended. The stronghold was subsequently used for the storage of enslaved people destined for the Americas. It is unknown whether there are still traces of earlier fortifications. The current fort is not considered to be in good condition, but it is included in the tentative list of UNESCO World Heritage sites.

2. Fortaleza de São Pedro da Barra de Luanda/ Forte de Santa Cruz

A bateria sobre o rochedo da Fortaleza de Caçandama destinava-se a repelir ataques no flanco direito das defesas da cidade. O desembarque neerlandês teve lugar a sul deste local. No entanto, sobre as ilustrações neerlandesas de Luanda feitas nos anos 1640 o nome é diferente ("Forte S. Cruz" ou "Arx. S. Crucis"). O detalhe da aguarela dos Vingboons abaixo, mostra três baterias ao longo do trecho da costa onde teve lugar o desembarque. A que se encontra mais à esquerda poderia ser o Forte de Santa Cruz.

O nome Fortaleza de São Pedro da Barra é de uma data posterior, ou de 1663 ou de 1703 quando as fortificações foram alargadas. A fortaleza foi subsequentemente utilizada para o armazenamento de pessoas escravizadas destinadas às Américas. Desconhece-se se ainda existem vestígios de fortificações anteriores. A fortaleza actual não pode ser considerada em bom estado, mas está incluída na lista provisória de sítios do Património Mundial da UNESCO.



Fortaleza São Pedro da Barra de Luanda, Fort S. Cruz. The town of Luanda. Workshop of Johannes Vingboons, 1645-1650.

Nationaal Archief 4.VELH 619.64.

Fortaleza São Pedro da Barra de Luanda, Forte S. Cruz. A cidade de Luanda. Atelier de Johannes Vingboons, 1645-1650. Arquivo Nacional 4. VELH 619.64.

3. Forte de São Francisco do Penedo

In his detailed book, Klaas Ratelband suggests that the Forte São Francisco do Penedo, approximately five kilometres southwest of the Fortaleza São Pedro da Barra, tried to stop the Dutch landing with its guns. However, the distance between the two forts and the additional shore batteries on the Dutch view above casts doubt on this assertion. It is unclear whether the Portuguese fortifications planned in the 1620s and 1630 included the Forte de São Francisco. A larger fort was built on the site in 1765-1766, in order to strengthen defences and facilitate the slave trade. In the twentieth century, the fort was used to confine political prisoners. It is currently in a bad condition, but it is included in the tentative list of UNESCO World Heritage sites.

3. Forte de São Francisco do Penedo

No seu livro detalhado, Klaas Ratelband sugere que o Forte de São Francisco do Penedo, aproximadamente cinco quilómetros a sudoeste da Fortaleza de São Pedro da Barra, tentou parar o desembarque neerlandês com as suas armas. No entanto, a distância entre os dois fortes e as baterias adicionais da costa na ilustração neerlandesa acima, lança dúvidas sobre esta afirmação. Não é claro se as fortificações portuguesas planeadas nos anos 1620 e 1630 incluíam o Forte de São Francisco. Um forte maior foi construído no local em 1765-1766, a fim de reforçar as defesas e facilitar o comércio de escravos. No século XX, o forte foi utilizado para confinar prisioneiros políticos. Está actualmente em mau estado, mas está incluído na lista provisória de sítios do Património Mundial da UNESCO.



Forte São Francisco do Penedo. Photo Carlos Reis, 2019. Flickr.com.

Forte São Francisco do Penedo. Fotografia Carlos Reis, 2019. Flickr.com.

4. Forte São Fernando

The small Forte São Fernando was located to the southwest of Luanda, near the Barra da Corimba or perhaps slightly to the north. It served to protect access to the Luanda roadsteads from the south, a route which was only suitable for small vessels. The 1639 map by Abraham Jacobsz Wis suggests that the fort was located on the barrier island. This is corroborated by

4. Forte de São Fernando

O pequeno Forte de São Fernando estava localizado a sudoeste de Luanda, perto da Barra da Corimba ou talvez ligeiramente a norte. Serviu para proteger o acesso aos ancoradouros de Luanda a partir do Sul, uma rota que só era adequada para pequenas embarcações. O mapa de 1639 de Abraham Jacobsz Wis sugere que o forte estava localizado na ilha-barreira. Isto é corroborado pelo mapa

the 1747 map by Jacobus van der Schley. However, it is not detailed enough to identify an exact location. The existence of any remnants needs to be ascertained.

de 1747 de Jacobus van der Schley. No entanto, não é suficientemente detalhado para verificar uma localização exacta. A existência de quaisquer vestígios precisa de ser identificada.



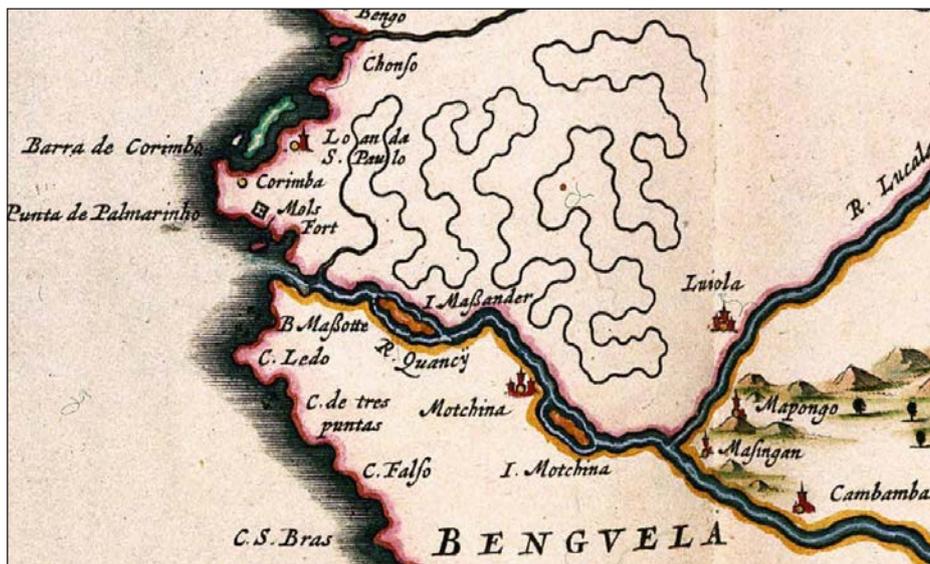
Forte São Fernando. Map of Luanda. Abraham Jacobsz Wis, 1639. Nationaal Archief 4.VEL 157.

Forte São Fernando. Mapa de Luanda. Abraham Jacobsz Wis, 1639. Arquivo Nacional 4.VEL 157.



Forte São Fernando. Map of part of the Angolan coast. Jacobus van der Schley, 1747. J.P.J. du Bois, Histoire Générale Des Voyages... (Amsterdam, 1746 - 1780).

Forte São Fernando. Mapa de uma parte da costa de Angola. Jacobus van der Schley, 1747. J.P.J. du Bois, Histoire Générale Des Voyages... (Amesterdão, 1746 - 1780).



Fortaleza de Cambambe. Map of the African coast at the latitude of Congo and Angola. Jan van Herden (copied after), 1662. Joan Blaeu, Atlas Maior.

Fortaleza de Cambambe. Mapa da costa africana na latitude do Congo e Angola. Jan van Herden (copiado depois), 1662. Joan Blaeu, Atlas Maior

3. Cambambe

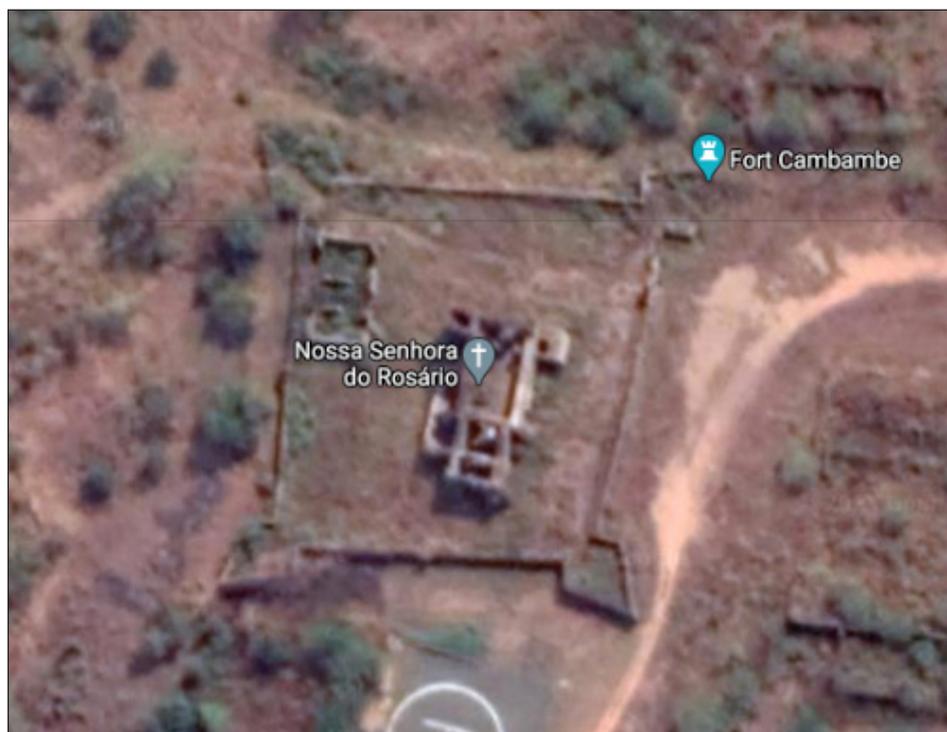
After capturing Luanda, the Dutch also occupied parts of the hinterland. According to a few sources, they conquered a Portuguese factory at Cambambe on the Cuanza River. This was located on Ensadeira Island, according to the description of Olfert Dapper, who seems to have confused it with Fort Mols. Cambambe, along with Massangano, Muxima, and Fort Mols, is shown on the 1662 map by Jan van Herden, published by Blaeu.

The Portuguese Fortaleza de Cambambe was built in the early seventeenth century as defence against the local inhabitants. One of the buildings has been used as a church (Nossa Senhora do Rosário). Satellite photography indicates that the building is surrounded by a four-pointed fort. Unfortunately, the remnants are in a bad condition. The ruins have been placed on the Angolan list of National Monuments and on the tentative list of UNESCO World Heritage sites.

3. Cambambe

Após a conquista de Luanda, os Neerlandeses ocuparam também partes do interior. De acordo com algumas fontes, conquistaram uma feitoria portuguesa em Cambambe no rio Cuanza. Esta, estava localizada na ilha de Ensadeira, de acordo com a descrição de Olfert Dapper, que parece tê-la confundido com o Forte Mols. Cambambe, juntamente com Massangano Muxima e Forte Mols, é mostrado no mapa de 1662 por Jan van Herden, publicado por Blaeu.

A Fortaleza portuguesa de Cambambe foi construída no início do século XVII como defesa contra os habitantes locais. Um dos edifícios foi utilizado como igreja (Nossa Senhora do Rosário). A fotografia de satélite indica que o edifício está rodeado por um forte de quatro pontas. Infelizmente, o que resta encontra-se muito degradado. As ruínas foram colocadas na lista angolana de Monumentos Nacionais e na lista provisória de sítios do Património Mundial da UNESCO.



Fortaleza de Cambambe. Google Maps.

Fortaleza de Cambambe. Maps Google.

4. Fortaleza de Massangano

Massangano, located on the Cuanza River, served as the Portuguese headquarters after losing Kilunda. Dutch efforts to take the fort were unsuccessful. The Fortaleza de Massangano is still extant, albeit in a ruinous condition, with crumbling, overgrown walls, taken over by goats. Both the Massangano and Muxima forts were of considerable importance during the years of Dutch occupation. The Fortaleza de Massangano is included in the tentative list of UNESCO World Heritage sites.

4. Fortaleza de Massangano

Massangano, localizado no rio Cuanza, serviu de sede portuguesa depois de perder o Kilunda. Os esforços neerlandeses para tomar o forte foram ineficazes. A Fortaleza de Massangano embora em ruínas, ainda existe com paredes desmoronadas e cobertas de vegetação. Tanto a Fortaleza de Massangano como a da Muxima eram de importância considerável durante os anos da ocupação neerlandesa. A Fortaleza de Massangano está incluída na lista provisória do Património Mundial da UNESCO.



*Fortaleza de Massangano. Flickr.com.
Fortaleza de Massangano. Flickr.com.*

5. Fortaleza da Muxima

Modern Muxima is located downstream from Massangano. This is the site of another extant fort, in reasonable condition. Built in 1599, the Fortaleza da Muxima served as an outpost to control the hinterland and as a local center for the slave trade. It was attacked by Dutch forces in 1646 and rebuilt in 1655. It is possible that traces of the 1646 military engagement are still extant. The Fortaleza da Muxima is included in the tentative list of UNESCO World Heritage sites.

5. Fortaleza da Muxima

A Muxima de hoje, está localizada a jusante de Massangano. Este é o local da outra fortaleza existente, em condições razoáveis. Construído em 1599, a Fortaleza da Muxima serviu como posto avançado para controlar o interior e como centro local para o comércio de escravos. Foi atacada pelas forças neerlandesas em 1646 e reconstruída em 1655. É possível que vestígios do envolvimento militar de 1646 ainda existam. A Fortaleza da Muxima está incluída na lista provisória de sítios do Património Mundial da UNESCO.



*Fortaleza da Muxima. Flickr.com.
Fortaleza da Muxima. Flickr.com.*

6. Fort Mols

“Mols Fort”, as the Dutch called it, was located on the Cuanza River, probably at the mouth of the river, near the Barra do Cuanza. It was built in 1643-1644 to replace an earlier fortification. Fort Mols, named after the Dutch official Hans Mols, had a dual purpose: cutting off the other inland forts of the Portuguese and preventing or slowing down an advance on Luanda from a potential landing place at the mouth of the Cuanza river. Fort Mols is indicated in a coastal position on a 1662 map by Jan van Herden, as well as on the later maps, such as the 1747 map by Jacobus van der Schley. The latter, which is most likely based on the 1662 map, uses the past tense (“Hier was ‘t Fort...”, “Here was the Fort...”), which suggests that few remnants are extant. However, field research focused on strategic locations may yield new information, as the geography of the area suggests a limited number of potential routes fit for troop movements.

6. Forte Mols

O “Forte Mols”, como os Neerlandeses lhe chamavam, estava localizado no rio Cuanza, provavelmente na foz do rio, perto da Barra do Cuanza. Foi construído em 1643-1644 para substituir uma fortificação anterior. O Forte Mols, com nome do oficial neerlandês Hans Mols, tinha um duplo objectivo: cortar a interacção dos outros fortes interiores dos portugueses e impedir ou retardar o avanço sobre Luanda a partir de um potencial local de desembarque na foz do rio Cuanza. O Forte Mols é indicado numa posição costeira num mapa de Jan van Herden de 1662, bem como nos mapas posteriores, como o mapa de 1747 de Jacobus van der Schley. Este último, que se baseia muito provavelmente no mapa de 1662, utiliza o pretérito no mapa, o que sugere que existem poucos vestígios. No entanto, a investigação de campo centrada em localizações estratégicas pode produzir novas informações, uma vez que a geografia da área sugere um número limitado de rotas potenciais aptas para os movimentos das tropas.



Mols Fort. Map of the African coast at the latitude of Congo and Angola. Jan van Herden (copied after), 1662. Joan Blaeu, Atlas Maior.

Forte Mols. Mapa da costa africana na latitude do Congo e Angola. Jan van Herden (copiado depois), 1662. Joan Blaeu, Atlas Maior.



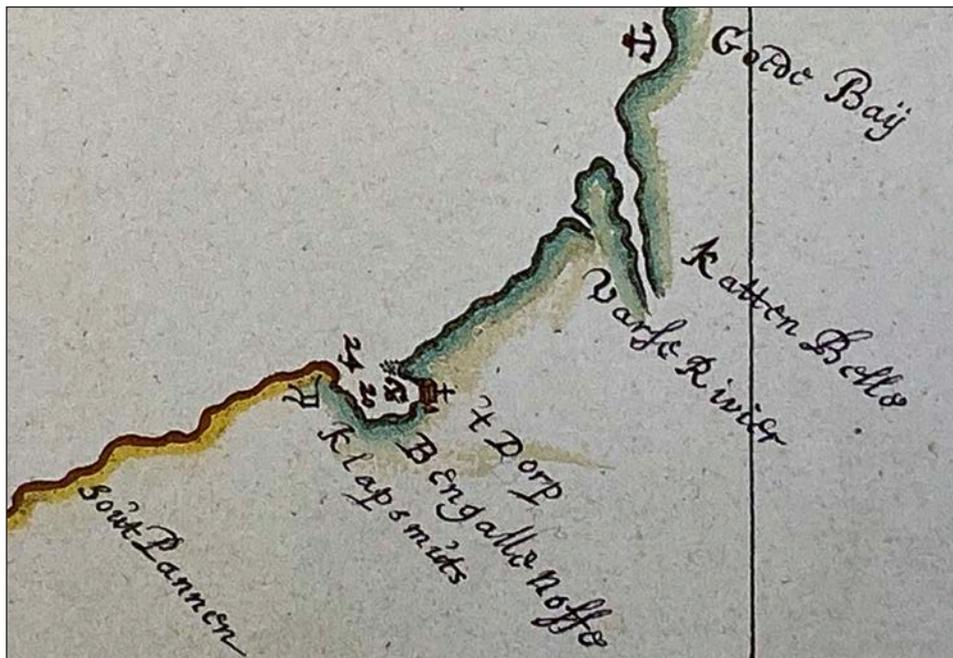
Mols Fort. Map of part of the Angolan coast. Jacobus van der Schley, 1747. J.P.J. du Bois, Histoire Générale Des Voyages... (Amsterdam, 1746 - 1780).

Forte Mols. Mapa de uma parte da costa de Angola. Jacobus van der Schley, 1747. J.P.J. du Bois, Histoire Générale Des Voyages... (Amesterdão, 1746 - 1780).

C. Other areas of Angola

1. Benguela

Benguela, the port on the Baía das Vacas, was the first place that the Dutch conquered during Jol's 1641 expedition. The nucleus of the region was the Forte de São Filipe de Benguela, founded by the Portuguese in the early seventeenth century. A 1665-1668 map by Vingboons provides general information.



Benguela. Map of the coast of Angola and Congo. Workshop of Johannes Vingboons, 1665-1670. Brommer, *Grote atlas van de West-Indische Compagnie*, 1: 400.
Benguela. Mapa da costa de Angola e Congo. Atelier de Johannes Vingboons, 1665-1670. Brommer, *Grote atlas van de West-Indische Compagnie*, 1: 400.

A French map of 1746 by Jacques Nicolas Bellin indicates two forts at Benguela, the Forte de São Filipe and a "Petit Fortin ruiné". The map does not provide sufficient detail to pinpoint their locations, nor is it clear whether the two forts were already in existence a century earlier. It is uncertain whether the Forte de São Filipe still exists. Further research is thus required.

C. Outras áreas de Angola

1. Benguela

Benguela, o porto na Baía das Vacas, foi o primeiro lugar que os Neerlandeses conquistaram durante a expedição de Jol de 1641. O núcleo da região era o Forte de São Filipe de Benguela, fundado pelos portugueses no início do século XVII. Um mapa de 1665-1668 de Vingboons fornece informações gerais.

Um mapa francês de 1746 de Jacques Nicolas Bellin indica dois fortes em Benguela, o Fortim de São Filipe é um "Petit Fortin ruiné". O mapa não fornece detalhes suficientes para identificar a sua localização, nem é claro se os dois fortes já existiam um século antes. É incerto se o Fortim de São Filipe ainda existe. Por conseguinte, é necessária uma investigação.



Benguela. Map of the Benguela roadstead and the Cantonbelle River. Jacques Bellin, 1746.
A.F. Prévost, *Histoire Generale Des Voyages...* (Amsterdam, 1761)
Benguela. Mapa da enseada de Benguela e do rio Catumbela. Jacques Bellin, 1746.
A.F. Prévost, *Histoire Generale Des Voyages...* (Amesterdão, 1761)

2. Fortim do Quicombo

The Fortim do Quicombo is located at the mouth of the Rio Quicombo. It was founded in 1645, in response to the Dutch occupation of Luanda. It served as Salvador da Sá's base for the retaking of Angola in 1648 and was subsequently used for the slave trade. The Fortim do Quicombo is included in the tentative list of UNESCO World Heritage sites.



Fortim do Quicombo. Photo: Vitor Trindade, 2019. Google Maps.
Fortim do Quicombo. Foto: Vitor Trindade, 2019. Maps Google.

3. Soyo / Mpinda

For a number of years, the Dutch maintained a trading post on the southern shore of the Congo River. The Portuguese drove the Dutch out in 1640 and torched the buildings. A year later, the Dutch took up residence again, subject to the overlordship of local rulers. They maintained the trading post well into the second half of the seventeenth century and abandoned it in the 1670s or 1680s. Most of the trade in ivory, copper, dyewood, and enslaved Africans was by then carried out from ships. On early maps, the modern city of Soyo is variously spelled Sogno, Sonho, Sango and Soyo. A 1723 map indicates that Soyo and Mpinda are distinct locations, as indeed they are today, Mpinda being the trading port of Soyo. This makes it difficult to establish the location of the trading post. There is little reason to assume that it was fortified. Remains are unlikely to be extant.

3. Soyo / Mpinda

Durante vários anos, os Neerlandeses mantiveram um posto de comércio na margem sul do rio Congo. Os Portugueses expulsaram os Neerlandeses em 1640 e incendiaram os edifícios. Um ano mais tarde, os Neerlandeses voltaram a residir no local, sujeitos às regras dos governantes locais. Mantiveram o posto de comércio até a segunda metade do século XVII e abandonaram-no na década de 1670 ou 1680. A maior parte do comércio de marfim, cobre, pau tinto e africanos escravizados era então efectuado a partir dos navios. Nos primeiros mapas, a cidade de hoje do Soyo tem várias grafias, Sogno, Sonho, Sango e Soyo. Um mapa de 1723 indica que Soyo e Mpinda são locais distintos, como de facto o são hoje, sendo Mpinda o porto comercial do Soyo. Isto torna difícil estabelecer a localização do posto de comércio. Há poucos motivos para supor que tenha sido fortificado. É pouco provável que existam vestígios do mesmo.



Soyo, Mpinda. Map of the Angolan coast. Andries Graan, 1723. Nationaal Archief 4.VEL 152.
Soyo, Mpinda. Mapa da costa angolana. Andries Graan, 1723. Arquivo Nacional 4.VEL 152.

4. Cabinda / Malembo

Both Cabinda and Malembo, north of the mouth of the Congo River, were conquered by the Dutch in 1641. Yet the Dutch foothold was tenuous at best. Cabinda and Malembo were retained as trading posts until the 1680s, but, as in the case of Soyo, the existence of fortifications is doubtful. The visual sources do not provide further evidence, but perhaps documentary sources will.

4. Cabinda / Malembo

Tanto Cabinda como Malembo, a norte da foz do rio Congo, foram conquistadas pelos neerlandeses em 1641. No entanto, na melhor das hipóteses, a base neerlandesa era frágil. Cabinda e Malembo foram mantidos como postos comerciais até aos anos 1680, mas, como no caso do Soyo, a existência de fortificações é duvidosa. As fontes visuais não fornecem mais provas, mas talvez fontes documentais as forneçam.



Cabinda, Malembo. Map of the African coast at the latitude of Congo and Angola. Jan van Herden (copied after), 1662. Joan Blaeu, *Atlas Maior*.

Cabinda, Malembo. Mapa da costa africana na latitude do Congo e Angola. Jan van Herden (copiado depois), 1662. Joan Blaeu, *Atlas Maior*.

II. São Tomé and Príncipe - São Tomé e Príncipe

Príncipe

In August 1598, Príncipe was conquered by the expedition financed by Balthasar de Moucheron and the Dutch States General. The expedition, led by Julius Cleerhagen and Gerard Strijbos, brought along materials to construct a fort and work started immediately. Yet the Dutch position deteriorated quickly due to continued resistance by the island's population and diseases. When a Portuguese fleet arrived from São Tomé, the Dutch retreated without offering much resistance. The unfinished fort was destroyed prior to departure, which makes it unlikely that remnants are extant. Príncipe was captured again briefly by the Dutch in 1641.

Príncipe

Em Agosto de 1598, o Príncipe foi conquistado pela expedição financiada pelo Balthasar de Moucheron e pelo General dos Estados Neerlandeses. A expedição, liderada por Julius Cleerhagen e Gerard Strijbos, trouxe consigo materiais para construir um forte e as obras começaram imediatamente. No entanto, a posição neerlandesa deteriorou-se rapidamente devido à resistência contínua da população e das doenças da ilha. Quando uma frota portuguesa chegou de São Tomé, os Neerlandeses recuaram sem oferecer muita resistência. O forte inacabado foi destruído antes da partida, o que torna improvável a existência de vestígios. O Príncipe foi novamente conquistado pelos neerlandeses em 1641 por pouco tempo.

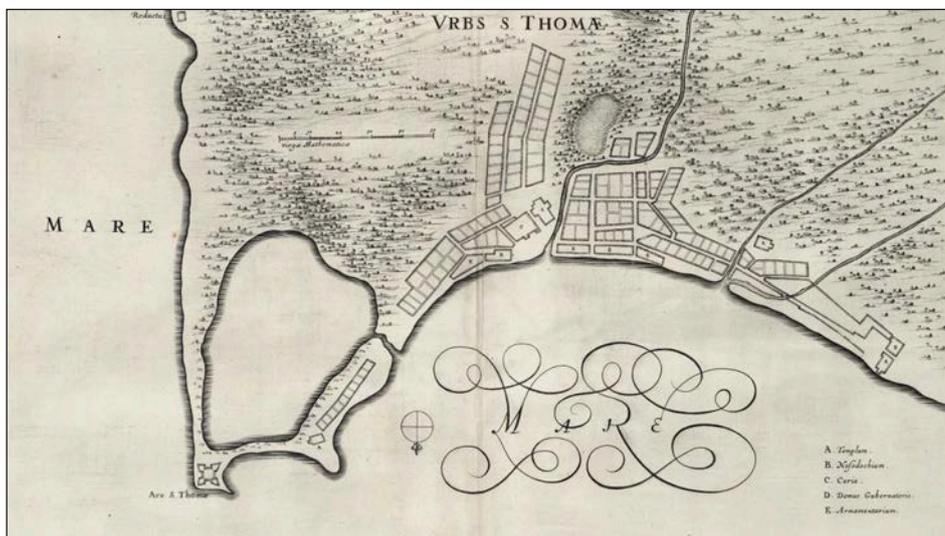


Caption: Príncipe and São Tomé. Map of part of the west coast of Africa, 1662. Joan Blaeu, Atlas Maior.
Príncipe e São Tomé. Mapa de uma parte da costa ocidental de África, 1662. Joan Blaeu, Atlas Maior.

São Tomé

The island of São Tomé was captured in October 1599 by a large Dutch fleet, consisting of 73 ships with 8,000 men, led by Admiral Pieter van der Does. Balthasar de Moucheron and Pieter van der Haghen made a considerable financial contribution to the expedition, in exchange for half of the expected spoils. As in 1598 at Príncipe, the Dutch suffered from tropical diseases and other discomforts and quickly decided to leave the island again. In the wake of the capture of Luanda, São Tomé fell into Dutch hands again. This time the Dutch presence lasted a year.

The Dutch involvement with São Tomé resulted in the production of several high-quality visual sources, including a 1645 view by Frans Post and an engraved map, possibly by Georg Marcgraf, which was included in Barlæus' *Rerum per octennium in Brasilia*. The map and the view indicate the locations of three fortifications. First, the "Arx S. Thomæ", the Forte de São Sebastião. This was one of the strongest forts on the west coast of Africa, with four bastions, walls of over 24 feet high, and thirty brass guns. The fort is still extant, although it has been subject to many alterations, not least because of Jol's destructive bombardment in 1641. The fort currently houses the Museu Nacional. The second is the "Reductus", to the south of the fort, on the east coast of the island (top left on the map). This is the redoubt with six guns captured by Jol during his march to the main fort. The exact location is unknown, but may be discovered with additional research. The third fortification is indicated on the view as "Turrus Lapidea", a stone tower. This may be identical to the "Armentarium" on the map. This could be the secondary fortification, Forte São João, destroyed in Jol's attack. It does not seem likely that remnants are extant.



The town of São Tomé. Anonymous, 1647. Caspar Barlæus, Rerum per octennium in Brasilia... (Amsterdam, 1647).

A cidade de São Tomé. Anónimo, 1647. Caspar Barlæus, Rerum per octennium in Brasilia... (Amesterdão, 1647).

São Tomé

A ilha de São Tomé foi conquistada em Outubro de 1599 por uma grande frota neerlandesa, composta por 73 navios com 8.000 homens, liderados pelo Almirante Pieter van der Does. Balthasar de Moucheron e Pieter van der Haghen deram uma contribuição financeira considerável para a expedição, em troca de metade dos despojos previstos. Tal como em 1598 no Príncipe, os neerlandeses sofreram de doenças tropicais e outras adversidades e rapidamente decidiram abandonar novamente a ilha. Na sequência da ocupação de Luanda, São Tomé caiu novamente nas mãos dos neerlandeses. Desta vez, a presença neerlandesa durou um ano.

O envolvimento neerlandês com São Tomé resultou na produção de várias fontes visuais de alta qualidade, incluindo uma ilustração de 1645 por Frans Post e um mapa gravado, possivelmente por Georg Marcgraf, que foi incluído na "*Rerum per octennium in Brasilia*" de Barlæus. O mapa e a ilustração indicam a localização de três fortificações. Primeiro, o "Arx S. Thomæ", o Forte de São Sebastião. Este era um dos fortes mais robustos da costa ocidental de África, com quatro baluartes, paredes de mais de 24 pés de altura, e trinta armas de latão. O forte ainda existe embora tenha sido sujeito a muitas alterações, sobretudo devido ao grande bombardeamento de Jol em 1641. O forte alberga actualmente o Museu Nacional. O segundo, é o "Reduto", ao sul do forte, na costa leste da ilha (no topo à esquerda no mapa). Este é o reduto com seis canhões capturados por Jol durante a sua marcha para o forte principal. A localização exacta é desconhecida, mas pode ser descoberta com pesquisas adicionais. A terceira fortificação é indicada na ilustração como "Turrus Lapidea", a torre de pedra. Esta pode ser idêntica ao "Armentarium" no mapa e poderá corresponder ao Forte de São João, uma fortificação secundária, destruída no ataque de Jol. Não parece provável existirem vestígios.

III. Congo

Loango, Diosso

Diosso was the capital of the Loango kingdom. The Dutch maintained a trading post in the area until 1684. The Middelburgse Commercie Compagnie continued to trade to Loango sporadically. The power balance on the Loango coast made it impossible for European nations to acquire a trade monopoly, rendering them unable to acquire land to construct forts and ensure a permanent presence. Since trade was mainly ship-based, it is unlikely that any fortifications were built by the Dutch. It is more likely that a factory or loge, manned by a single agent with a few servants, was housed in an unfortified building in Diosso. No Dutch factory can be found on the view included in Olfert Dapper's 1668 *Naukeurige beschrijvinge der Afrikaensche gewesten*. Although reprinted well into the eighteenth century, Dapper's second-hand description is not very accurate.

Loango, Diosso

Diosso era a capital do reino de Loango. Os Neerlandeses mantiveram um posto de comércio na região até 1684. A Middelburgse Commercie Compagnie (Companhia Comercial de Middelburg) continuou a comerciar para Loango esporadicamente. O equilíbrio de poder na costa de Loango tornou impossível às nações europeias de adquirir um monopólio comercial, tornando-as incapazes de adquirir terras para construir fortes e assegurar uma presença permanente. Uma vez que o comércio era principalmente feito por navios, é improvável que quaisquer fortificações fossem contruídas pelos neerlandeses. É mais provável que uma feitoria gerida por um único agente com poucos empregados, tenha sido mantida num edifício não fortificado em Diosso. Nenhuma feitoria neerlandesa pode ser encontrada na ilustração incluída no “*Naukeurig beschrijvinge der Afrikaensche gewesten*” de 1668 de Olfert Dapper. Embora tenha sido reimpressa no século XVII, a descrição em segunda mão de Olfert Dapper não é muito exacta.



The town of Loango. Olfert Dapper, *Naukeurige beschrijvinge der Afrikaensche gewesten* (Amsterdam, 1668).
A cidade de Loango. Olfert Dapper, *Naukeurige beschrijvinge der Afrikaensche gewesten* (Amsterdão, 1668).

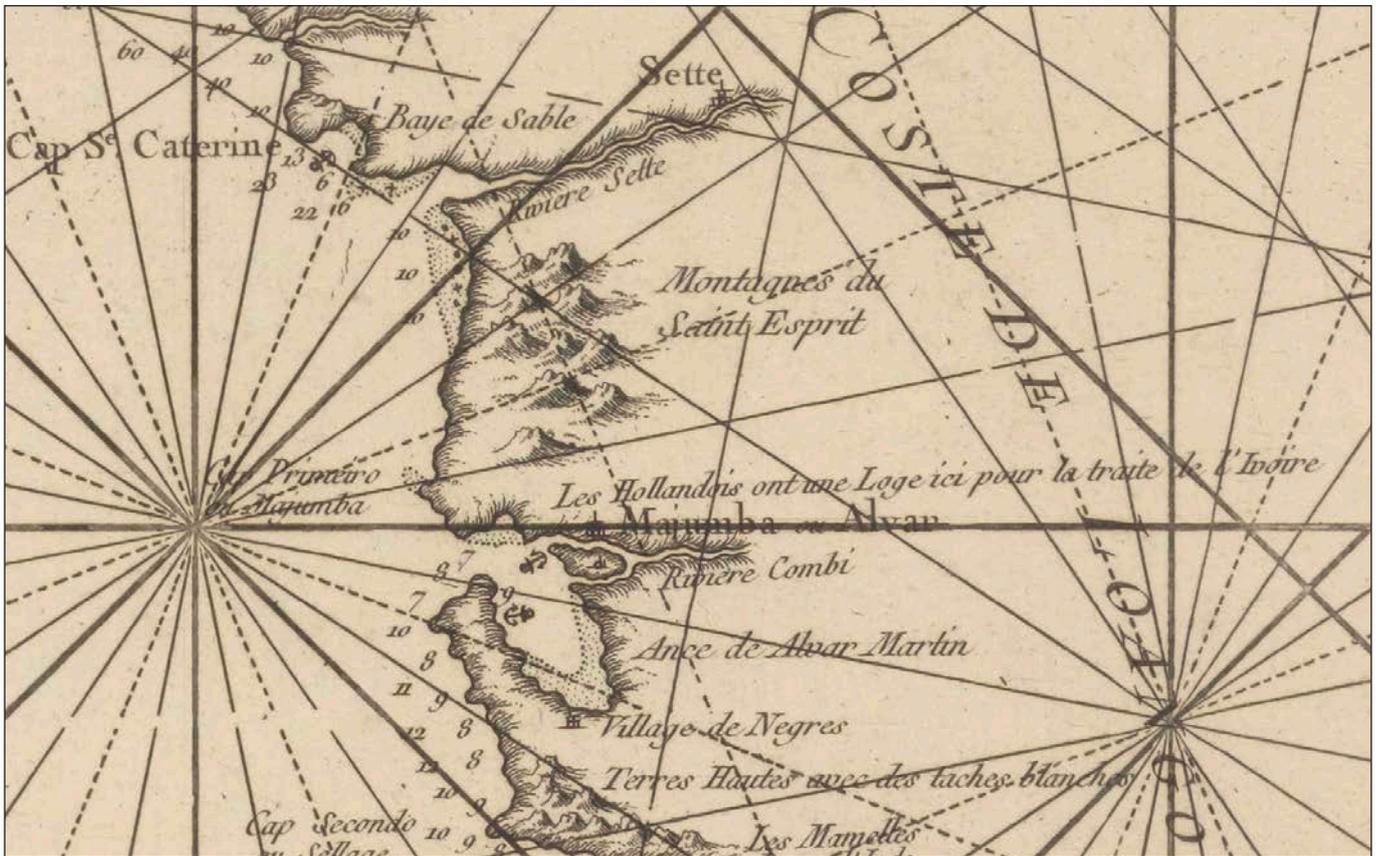
IV. Gabon - Gabão

Mayumba

Mayumba, often called Majombo in the Dutch sources, is located on a peninsula on the Gabon coast, separated from the mainland by a lagoon. The Dutch trading post or factory here existed until 1722-1723 and dealt mostly in dyewood. The volume of trade was such that the trading post was of minor importance and did not warrant a fortification. Neither the secondary literature, nor the extant maps in the Atlas of Mutual Heritage, provide information about the specific location. As late as 1753, a French map notes the presence of a Dutch factory here for the trade in ivory.

Mayumba

Mayumba, muitas vezes chamada Majombo nas fontes neerlandesas, está localizada numa península na costa do Gabão, separada do continente por uma laguna. O posto de comércio ou feitoria neerlandesa existiu aqui até 1722-1723 e negociava principalmente em pau-tinta. O volume do comércio era tal que o posto de comércio era de menor importância e não justificava a fortificação. Nem literatura secundária, nem os mapas existentes no Atlas do Património Mútuo, fornecem informações sobre o local específico. Já em 1753, um mapa francês assinala a presença aqui de uma feitoria neerlandesa para o comércio de marfim.



Mayumba. Map of Gabon and Angola. Jacques Nicolas Bellin, 1753. Nationaal Archief 4.VEL 122.

Mayumba. Mapa do Gabão e Angola. Jacques Nicolas Bellin, 1753. Arquivo Nacional 4.VEL 122.

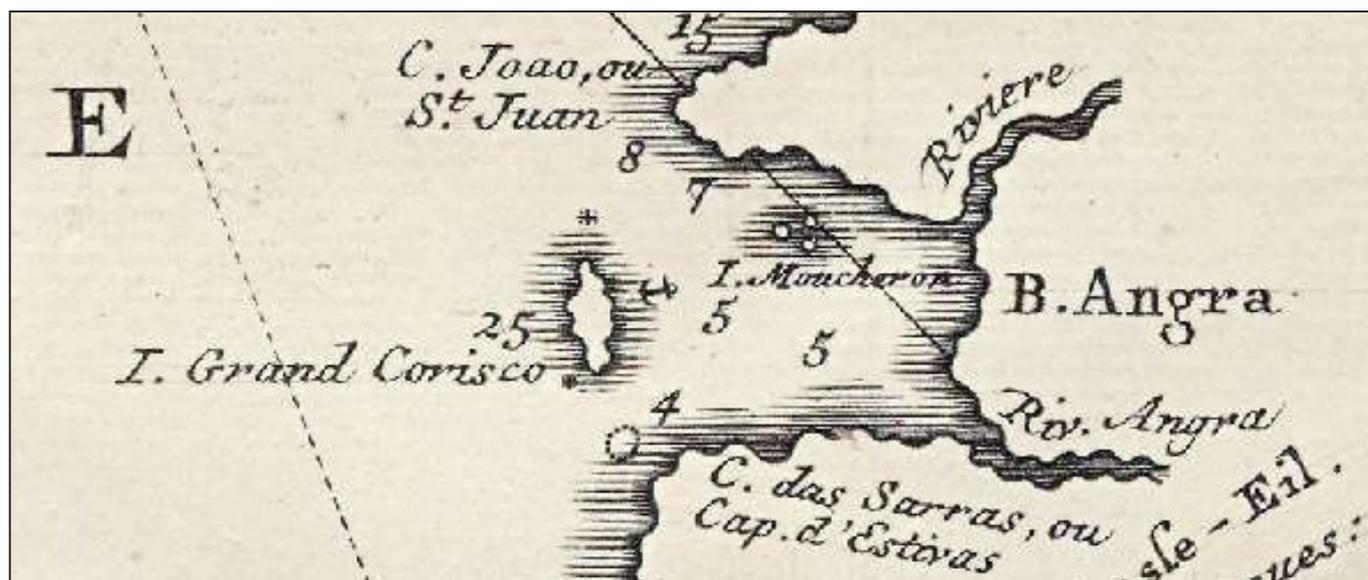
V. Equatorial Guinea - Guiné Equatorial

Corisco

From the 1530s onwards, the small island of Corisco and adjacent islands in the Bight of Guinee were under the control of the Portuguese and the Spanish. The expedition dispatched by Balthasar de Moucheron in 1600 conquered Corisco and erected a sconce. Several islands to the north were also taken and subsequently the entirety was renamed “Iles de Moucheron”, a name still found on the 1747 Van der Schley map. Dutch authority over the islands lasted about a year. In the wake of taking Luanda, the Dutch occupied Corisco again from 1642 to 1648. In the 1680s, a trading post was maintained on Corisco for a short time.

Corisco

A partir dos anos 1530, a pequena ilha de Corisco e as ilhas adjacentes na Baía da Guiné estavam sob o controlo dos portugueses e dos espanhóis. A expedição enviada por Balthasar de Moucheron em 1600 conquistou Corisco e ergueu uma arandela. Várias ilhas a norte também foram tomadas e subsequentemente a totalidade foi rebaptizada de “Iles de Moucheron”, nome ainda encontrado no mapa de Van der Schley de 1747. A presença neerlandesa nas ilhas durou cerca de um ano. Na sequência da tomada de Luanda, os Neerlandeses ocuparam novamente Corisco de 1642 a 1648. Na década de 1680, um posto de comércio foi mantido em Corisco por um curto período de tempo.



Corisco. Map of part of the Angolan coast. Jacobus van der Schley, 1747. J.P.J. du Bois, *Histoire Générale Des Voyages...* (Amsterdam, 1746 - 1780).

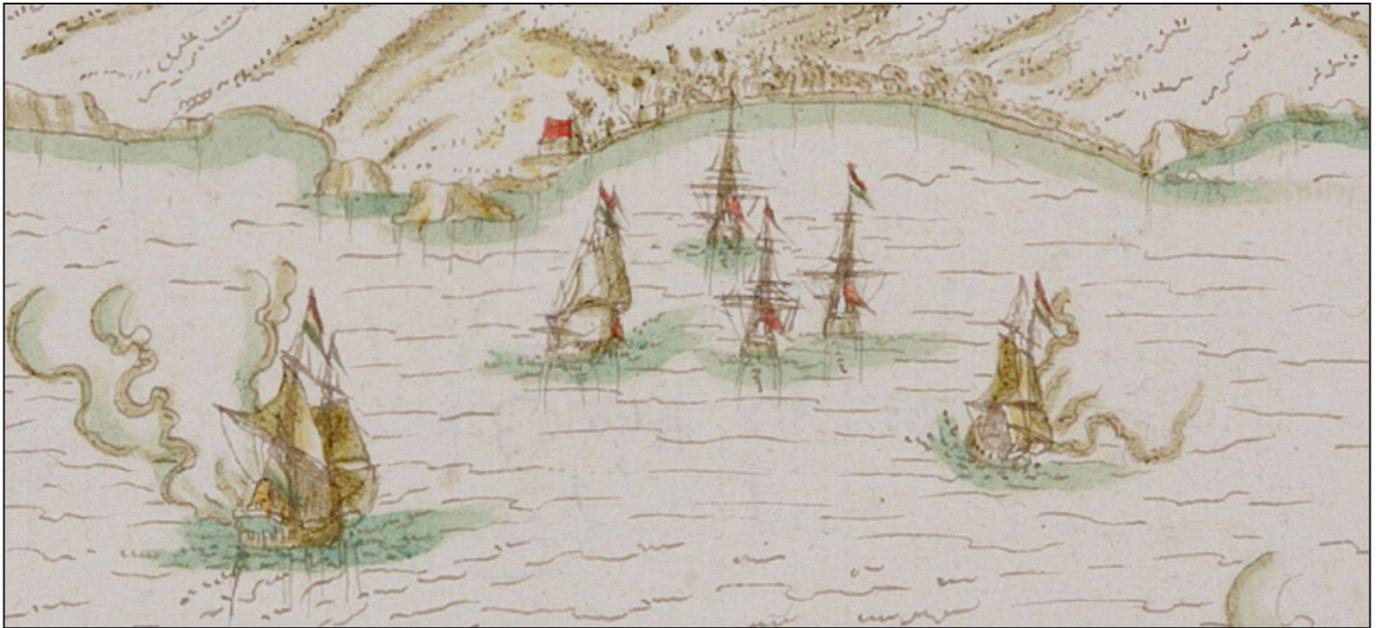
Corisco. Mapa de uma parte da costa de Angola. Jacobus van der Schley, 1747. J.P.J. du Bois, *Histoire Générale Des Voyages...* (Amesterdão, 1746 - 1780).

Annobón

The small island of Annobón was conquered by Cornelis Jol and his fleet in October 1641, following the occupation of São Paulo de Luanda. A fortification is shown on a 1638 view of the island by J. van Loen. San Antonio de Palé at the Playa del Palmar is depicted with a small building with a red roof, most likely a church near its eastern edge. A further depiction of the island was made by Vingboons in the 1660s, possibly based on information provided by Pieter van den Broecke, who visited the island in 1614. The key to Vingboons's view suggests that the entrance to the village was fortified by a small breastwork of cobblestones. There is no indication that the Dutch constructed fortifications during their occupation of the island.

Annobón

A pequena ilha de Annobón foi conquistada por Cornelis Jol e a sua frota em Outubro de 1641, após a ocupação de São Paulo de Luanda. A fortificação é mostrada numa vista da ilha de 1638 por J. van Loen. San Antonio de Palé na Playa del Palmar é retratado com um pequeno edifício com telhado vermelho, muito provavelmente uma igreja perto do seu extremo oriental. Uma outra visualização da ilha foi feita por Vingboons na década de 1660, possivelmente baseada em informações fornecidas por Pieter van der Broeck, que visitou a ilha em 1614. A chave para a visualização de Vingboons sugere que a entrada da aldeia foi fortificada de um pequeno parapeito em pedras de calçada. Não há qualquer indicação de que os Neerlandeses tenham construído fortificações durante a sua ocupação.



View of Annobón. J. van Loen, 1638. Bodel Nijenhuis Collectie, Universiteitsbibliotheek Leiden.

Vista de Annobón. J. van Loen, 1638. Coleção Bodel Nijenhuis, Biblioteca Universitária de Leiden.

Bibliography

Atlas of Mutual Heritage

(<https://www.atlasofmutualheritage.nl/>).

Brommer, Bea et al., *Grote atlas van de West-Indische Compagnie = Comprehensive atlas of the Dutch West India Company. I, De oude WIC 1621-1674 = The old WIC 1621-1674* (Voorburg, 2011).

Heijer, Henk den, *Goud, ivoor en slaven. Scheepvaart en handel van de Tweede Westindische Compagnie op Afrika, 1674-1740* (Zutphen, 1997).

Klooster, Wim, *The Dutch Moment: War, Trade, and Settlement in the Seventeenth-Century Atlantic World* (Ithaca, 2016).

Knaap, Gerrit, Henk den Heijer, Michiel de Jong, *Oorlogen overzee. Militair optreden door compagnie en staat buiten Europa 1595-1814* (Amsterdam, 2015).

Meuwese, Mark, *Brothers in Arms, Partners in Trade: Dutch-Indigenous Alliances in the Atlantic World, 1595-1674* (Leiden, 2012).

Ratelband, K., 'De expeditie van Jol naar Angola en São Tomé, 30 Mei 1641-31 Oct. 1641', *De West-Indische Gids* 24 (1942), 321-344.

Ratelband, Klaas, *Nederlanders in West-Afrika, 1600-1650. Angola, Kongo en São Tomé* (Zutphen, 2000).

Bibliografia

Atlas do Património Mútuo

(<https://www.atlasofmutualheritage.nl/>).

Brommer, Bea et al., *Grote atlas van de West-Indische Compagnie = Comprehensive atlas of the Dutch West India Company. I, De oude WIC 1621-1674 = The old WIC 1621-1674* (Voorburg, 2011).

Heijer, Henk den, *Goud, ivoor en slaven. Scheepvaart en handel van de Tweede Westindische Compagnie op Afrika, 1674-1740* (Zutphen, 1997).

Klooster, Wim, *The Dutch Moment: War, Trade, and Settlement in the Seventeenth-Century Atlantic World* (Ithaca, 2016).

Knaap, Gerrit, Henk den Heijer, Michiel de Jong, *Oorlogen overzee. Militair optreden door compagnie en staat buiten Europa 1595-1814* (Amsterdam, 2015).

Meuwese, Mark, *Brothers in Arms, Partners in Trade: Dutch-Indigenous Alliances in the Atlantic World, 1595-1674* (Leiden, 2012).

Ratelband, K., 'De expeditie van Jol naar Angola en São Tomé, 30 Mei 1641—31 Oct. 1641', *De West-Indische Gids* 24 (1942), 321-344.

Ratelband, Klaas, *Nederlanders in West-Afrika, 1600-1650. Angola, Kongo en São Tomé* (Zutphen, 2000).

Further research

In the second phase of the larger research programme, research into 'Dutch' fortifications in Central West Africa could be pursued through four kinds of sources. First, the secondary literature in Dutch, English and Portuguese needs to be fully examined. This involves Dutch books, such as J.H. den Stoppelaar's book on De Moucheron, as well as the works of Charles Boxer on Salvador de Sá and John Thornton's books and articles on Atlantic Africa. Additional literature on the extant maps, such as Peter van der Krogt's book on the Van der Hem Atlas, also needs to be checked. The works of Portuguese historians need to be taken into account as well. Second, seventeenth-century publications require scrutiny. The books of Joannes de Laet, Olfert Dapper, Caspar Barleus, and Joan Nieuwhof could yield details on the expeditions referred to above. The same goes for the third category, editions of seventeenth-century manuscript sources. Both S.P. L'Honoré Naber and Klaas Ratelband have published books that add details. Fourth and finally, research in unpublished manuscript material will be necessary. This includes collections in the Dutch National Archives, like the archives of the Dutch West India Company and the Dutch States General, as well as smaller collections. The Notarial Archives in the Stadsarchief Amsterdam will need to be checked as well. Complementary research in Portuguese archives is essential and therefore collaborative research projects with Portuguese scholars need to be initiated. The third phase will cover archaeological surveys on location. The amalgamated findings of the three phases will be made available in a final report, of which the summarized results will be incorporated in the website of the Atlas of Mutual Heritage (www.atlasofmutualheritage.nl). Other output aimed at raising public awareness of the common Angolan-Dutch common heritage and exchanging knowledge will consist of scholarly and popular publications, exhibitions, an international conference, and specialized webinars.

Investigação Adicional

Na segunda fase do programa de investigação mais vasto, a investigação sobre fortificações "neerlandesas" na África Central Ocidental poderia ser prosseguida através de quatro tipos de fontes. Primeiro, a literatura secundária em neerlandês, inglês e português precisa de ser totalmente examinada. Isto envolve livros neerlandeses, como o livro de J.H. den Stoppelaar sobre De Moucheron, bem como obras de Charles Boxer sobre Salvador de Sá e os livros e artigos de John Thornton sobre a África Atlântica. Literatura adicional sobre os mapas existentes, tal como o livro de Peter van der Krogt sobre o Atlas Van der Hem, também precisa de ser verificado. As obras dos historiadores portugueses também precisam de ser tidas conta. Em segundo lugar, as publicações do século XVII precisam de ser pesquisadas. Os livros de Joannes de Laet, Olfert Dapper, Caspar Barleus e Joan Nieuwhof poderiam dar pormenores sobre as expedições acima referidas. O mesmo se aplica à terceira categoria, edições de fontes manuscritas do século XVII. Tanto a S.P. L'Honoré Naber como Klaas Ratelband irão acrescentar detalhes. Em quarto e último lugar, será necessário a investigação em material manuscrito não publicado. Isto inclui colecções nos Arquivos Nacionais Neerlandeses, como nos arquivos da Companhia Neerlandesa das Índias Ocidentais e dos Estados Gerais Neerlandeses, bem como colecções mais pequenas. Os Arquivos Notariais no Stadsarchief em Amesterdão também terão de ser consultados. A investigação complementar nos arquivos portugueses é essencial e, por conseguinte, é necessário iniciar projectos de investigação em colaboração com académicos portugueses.

A terceira fase abrangerá o levantamento arqueológico sobre as localizações. Os resultados obtidos das três fases serão disponibilizados num relatório final do qual os resultados resumidos serão incorporados no Atlas do Património Mútuo (www.atlasofmutualheritage.nl). Outros resultados destinados a sensibilizar o público sobre o Património Mútuo Angola e Países-Baixos e a troca de conhecimentos consistirão em publicações académicas e populares, exposições, uma conferência internacional, e webinars especializados.

Colofon

This report was prepared in March and April 2021 by Jaap Jacobs (Bommelstein Historical Consultancy Ltd) as main author in collaboration with Oscar Hefting for the New Holland Foundation. The Portuguese translation of the document was made by Suzy Rodrigues of TranslÍngua Translation Services (translingua.ts@gmail.com) This report has been made possible through financial support of the Embassy of the Kingdom of the Netherlands in Angola.

© 2021 New Holland Foundation
(www.newhollandfoundation.nl) &
Jaap Jacobs, Bommelstein Historical Consultancy Ltd.
(jacobs64@xs4all.nl)

Cólofon

Este relatório foi preparado em Março e Abril de 2021 por Jaap Jacobs (Bommelstein Historical Consultancy Ltd) como autor principal em colaboração com Oscar Hefting para a Fundação New Holland. A tradução deste documento foi feita por Suzy Rodrigues da TransLÍngua Translation Services (translingua.ts@gmail.com) . Este relatório foi possível através do apoio financeiro da Embaixada do Reino dos Países Baixos em Angola.

© 2021 New Holland Foundation
(www.newhollandfoundation.nl) &
Jaap Jacobs, Bommelstein Historical Consultancy Ltd.
(jacobs64@xs4all.nl)

